

Rosário Rosa (Investigadora)

Projeto “Anedotário do Fundo Michel Giacometti” – Memóriamedia

Filomena Sousa (Coordenação)

MI/IELT – Universidade Nova de Lisboa/MMP

Algumas Considerações Sobre a Anedota

1. Sobre a definição e classificação das anedotas

Tal como acontece com a maioria das expressões de tradição oral, é escassa a literatura existente sobre a anedota. Existem várias publicações de compilação de anedotas (como os anedotários), tanto nacionais como internacionais, mas muito poucas com uma abordagem analítica sobre a existência literária, social e cultural da anedota, tal como refere Saraiva “espécie literária tão popular quanto desprezada pelos estudiosos” (1988: s.p.).

Carlos Nogueira (2004) no seu texto *Para uma teoria da anedota popular portuguesa* define-a como:

“(…) corpo errático e volátil por excelência, a anedota constitui porventura o género do discurso através do qual uma comunidade (conceito, como se sabe, cada vez mais alargado) mais dinâmica e prontamente comenta os sentidos dos múltiplos fenómenos – éticos, culturais, filosóficos, pragmáticos, etc. – com que a cada passo se confronta e (re)constrói. Operando, antes de mais, em termos de uma conceção lúdica da vida, a anedota distende-se por múltiplas e versáteis conformações de natureza tipológica, tropológica e topológica.” (Nogueira, 2004: 1).

Uma outra definição de anedota surge em *A anedota – ensaio de humor e psicologia* de Carlos Espirito Santo de Mello (1999) em que esta é apresentada como:

“(…) um relato cujo objetivo é proporcionar ao ouvinte (ou leitor) o prazer do riso. Consiste em duas partes: a primeira em que é descrita uma situação ou narrada uma vivência, a segunda, finalizante, em que, por ilógica, insensata, ou de qualquer forma menos racional, o ouvinte é surpreendido, surgindo-lhe (pelo menos tendencialmente) uma manifestação de riso.” (Melo, 1999:16).

A anedota, tradicionalmente associada à oralidade, revela um determinado contexto que deve ser conhecido pelos elementos intervenientes (relator e ouvintes ou leitores) expressando, de forma lúdica e humorística, críticas ou estereótipos sociais. Deste modo, a anedota, através do apelo ao riso, evoca e retrata as mais diversas esferas e situações da vida, como a vida sexual, vida profissional, vida conjugal, política, deficiências, povos e etnias, entre outras.

A diversidade social e cultural retratada nas anedotas, tal como acontece nas adivinhas, tem como consequência a dificuldade da sua categorização, uma vez que existe uma enorme amplitude de temáticas que se vão renovando ou acrescentando a par da evolução dos acontecimentos da vida. Carlos Nogueira (2004) refere a este propósito:

“(…) a instintividade proteica da anedota, ou a sua maleabilidade, instaura no género uma voragem irreduzível a demarcações de temas, de assuntos ou de motivos, pelo que ela se institui enquanto interminável e sempre inconcluso temário de amplitude nacional e universal, habilitado a receber, por conseguinte, todas as criações ou contribuições individuais, que, se entrarem no circuito de recepção, difusão, transformação, se tornam quase de imediato produtos anónimos e colectivos”¹ (Nogueira, 2004: 8).

¹ Carlos Nogueira faz aqui referência ao trabalho de A. Machado Guerreiro e à sua publicação de *Anedotas contribuição para um Estudo* (Lisboa: Editorial Império, 1986) que agrupa mais de 2000 anedotas, organizadas segundo este autor, com a classificação mais coerente e completa do anedotário português, em 16 grandes grupos e 112 rubricas “num esquema permeável a novos conjuntos e subconjuntos”.

As anedotas, ao contrário das adivinhas, apresentam uma enorme flexibilidade, quer na forma como são contadas (raramente exatamente da mesma forma) quer nos meios e suportes em que elas são veiculadas, que vão desde a oralidade (popular) até aos suportes escritos e mais recentemente aos mediáticos. Atualmente as anedotas circulam, amplamente, pelas caixas de correio eletrónico, redes sociais, aplicações de telemóvel e nos programas televisivos. Embora existam novos autores e anedotas originais, muitas das anedotas ‘modernas’ têm por base anedotas populares mais antigas, com readaptações dos seus textos aos acontecimentos ou personagens contemporâneos.

2.A anedota: da tradição à inovação

Segundo Carlos Nogueira a anedota “é hoje o género da literatura popular que manifesta a mais profunda e vertiginosa metamorfose na produção e nas suas técnicas, na reprodução, na dinâmica e na estrutura dos veículos e nas práticas de recepção. No mesmo registo, coabitam anedotas provavelmente criadas de raiz para a imaterialidade das entidades electrónicas com versões já tradicionalizadas.” (2004:3) Machado Guerreiro reforça esta ideia afirmando que “(...) nunca temos a certeza de que uma anedota é velha ou que é nova, que nasceu aqui ou acolá.” (1986:73). Segundo este autor, as anedotas são identificadas pelo seu remate ou fecho, mesmo que a forma como são contadas ou o corpo do texto se diferencie em certos detalhes de versão para versão, e exemplifica com as seguintes versões daquilo que este considera ser a mesma anedota:

(1)

“Foi um tipo que vinha com um carro, à pressa, à procura dum sítio para arrumar, e ali na Rua de Malpique, vendo um lugarzinho à direita, atrás dos carros que já lá estavam, tratou de arrumar o dele. Vem logo o policia de serviço e diz-lhe:

- Você não pode arrumar aí.

Responde o outro:

- Não posso porquê? Não estou a menos de cinco metros da curva. Não há aqui nenhuma chapa de proibição. Tenho os documentos em dia. Pago as minhas licenças. Os outros podem arrumar e eu não posso arrumar, porquê?

- Não pode.

- Mas não posso porquê, senhor guarda? Explique lá isso.

- Não pode porque está à porta do Doutor M.S. que é o Primeiro-Ministro e ele está quase aí a chegar.

- Então, e o que é que isso tem? Eu deixo sempre ligado o sistema de alarme contra roubos!”²

(2)

“Um cigano arruma a bicicleta diante do edifício do Partido Comunista Jugoslavo. Logo um dos milicianos, que está de sentinela, vai ter com ele aos gritos:

- Não pode arrumar aqui a bicicleta. Tira-a já daqui. É a casa do camarada Tito, que vem cá todos os dias, sem falta. Ele não tarda aí.

- Não há perigo, camarada – replica-lhe o cigano – Eu pus na bicicleta o dispositivo anti-roubo.”³

Com este exemplo Machado Guerreiro refere-se à enorme dificuldade ou mesmo impossibilidade de datar uma anedota bem como de lhe atribuir a sua originalidade, uma vez que elas se renovam constantemente face aos acontecimentos exteriores marcantes assim como às formas como os narradores as contam.

² - Contada oralmente ao autor em 29-12-1983 in Guerreiro, A.M. (1986)

³ - Antoine et Philippe Mayer, O comunismo será solúvel em Álcool, 3ª ed., 1979, trad. Portuguesa de António Lopes Ribeiro, Editorial Intervenção, Lisboa in Guerreiro, A.M. (1986).

“ No caso da anedota contada, é pouco provável que ouçamos dois contadores dizerem-nos exatissimamente as mesmas palavras quando nos contam a mesma peripécia. Aliás, o mesmo contador dificilmente a dirá da mesmíssima forma, se a conta várias vezes, ou porque não fixou rigorosamente o texto, ou porque as suas formas normais de expressão diferem de ocasião para ocasião, ou porque achou melhor suprimir pormenores, ou porque preferiu acrescentar outros para a anedota ficar mais completa, ou até porque pretende fingi-las mais verídica – quando não pretende, mesmo, fazer-se passar por autor.” (Guerreiro: 1986:76)

Percebemos, assim, que não é fácil a distinção entre a anedota tradicional e aquilo que podemos chamar de anedota moderna, nos conteúdos veiculados. A inovação revela-se, sobretudo, nos novos meios de difusão, cada vez mais mediatizados, e que são expressivos da popularidade da anedota. Se, em tempos passados, esta fazia parte, sobretudo, da tradição oral, contada muitas vezes a par de contos e adivinhas, atualmente ela surge igualmente em suportes escritos (livros, jornais, revistas), na internet, e muitas vezes encenada e recriada em espetáculos ao vivo e na televisão. A intemporalidade da anedota centra-se na sua expressividade lúdica, que tem implícita a crítica sobre acontecimentos e personagens marcantes da vida social, com o humor que apela e provoca o riso dos ouvintes e/ou leitores.

3. Crítica, humor e riso na anedota.

A fórmula anedótica não é, obviamente, a única maneira de induzir hilaridade, mas talvez possamos afirmar que é uma das mais populares e transversais a todas as culturas e grupos sociais. Embora algumas vezes estas sejam associadas aos grupos sociais mais baixos, menos escolarizados, a verdade é que estas abrangem toda a população, não só nas histórias e personagens que retratam como na sua capacidade de indução do riso.

As questões teóricas enquadradas na psicologia do riso e do humor são complexas e não cabem nos objetivos deste texto. Classicamente são referidas três grandes teorias do humor que se centram na incongruência, na superioridade ou na libertação. A teoria da incongruência,

historicamente associada a figuras como Immanuel Kant ou Kierkegaard defende que o humor é uma resposta à incongruência e que esta inclui a ambiguidade, a falta de lógica, a irrelevância e o inapropriado. Por outro lado, a teoria da superioridade, associada a Thomas Hobbes, Platão e Aristóteles, entende que o humor existe em torno de um sentimento de supremacia sobre os outros. A teoria da libertação, identificada com Sigmund Freud e Herbert Spencer, defende que o humor é basicamente uma forma de libertar energias contidas pelos modos de opressão sentidos (Smuts, 2009).

Apesar de todas as teorizações em torno do humor, Smuts (2009) afirma que existem poucos consensos em torno deste assunto. A propósito do riso, Ribot, em *La psychologie du rire* (citado por Mello, 1999: 14) afirma também que “ não há facto mais banal e mais estudado do que o riso; nenhum há que tenha tido o dom de excitar mais a curiosidade dos leigos e dos filósofos; nenhum há sobre o qual tenham sido colhidas mais observações e construídas mais teorias e, com isto, não há nenhum que continue mais inexplicado. Ser-se-ia tentado a dizer, com os cépticos, que deve gostar-se de rir e não procurar saber por que se ri.”

Esta afirmação de que o riso existe sem que tenha que ser explicado, remete-nos para a especificidade da anedota, sobretudo na sua expressão oral, que necessita de entendimento e reação imediatos. Uma anedota que necessite de uma explicação posterior para que os ouvintes a entendam já perdeu a sua graça. Para que esta ‘funcione’ na sua dimensão humorística, é necessário que seja ‘bem contada’ (usualmente com um tempo curto, dado tratar-se de uma forma breve) e que todos os intervenientes conheçam o contexto a que a história da anedota se refere, para que o riso aconteça de forma pronta e espontânea. Carlos Nogueira compara-a, neste aspeto, à adivinha afirmando: “ Tal como a adivinha, a anedota encerra muito do desafio e de risco, convocando a agudeza do recetor, enquanto sopesa a sua integridade e a sua identidade como membro de um grupo.” (2004:6)

Como já mencionámos, a anedota abarca todas as dimensões da vida social, sem exceções ou interditos. Machado Guerreiro descreve a sua amplitude temática:

“Quando os estudiosos se preocuparem com ela (anedota), há-de reconhecer-se que a anedota é, das espécies da literatura popular, a que mais facetas de interesse social transportam. Ela

acompanha a nossa vida desde o pré-nascimento até depois da morte, ela testemunha épocas, costumes, modos de pensar, idiossincrasias, maneiras de agir colectivas, fases de linguagem, regionalismos, idioletos. Ela indica gírias das diversas camadas sociais, desde a dos marginais à dos fidalgos, da de famintos à de potentados; acompanha os meninos na escola e fora desta. Mimoseia políticos, lembra criminosos, contempla pobres diabos e a inversa deles, os espertalhões, e reis e palhaços. Intromete-se com a religião, celebriza pensadores e artistas. Bestializa homens, tanto como antropomorfiza irracionais, não respeita fortes nem fracos, pobres nem ricos. E muito mais ainda.” (Guerreiro: 1986:84).

A anedota não respeita convenções nem normas sociais, pelo contrário, ela desafia, critica, subverte, ridiculariza e caricatura personalidades, instituições, estruturas e hierarquias.

Mello constrói uma síntese do que, segundo ele, são as motivações que levam as pessoas a contar anedotas, que nos podem servir de pontos de reflexão sobre as principais características e funções das anedotas. Segundo este autor (Mello, 1999:132-133), as motivações do contador de anedotas são:

- a) Obter prazer de ‘natureza brincalhona’, que se encontra quotidianamente inibido pela sobreposição das capacidades críticas e racionais dos sujeitos;
- b) Satisfazer impulsos exibicionistas, contrabalançando sentimentos de insegurança;
- c) Obter a satisfação de momentaneamente negligenciar ou evitar constrangimentos e regras de comportamento;
- d) A anedota pode ser uma forma de aligeirar dificuldades ou preocupações sentidas em determinados contextos de vida;
- e) Constitui um meio de expressar a distinção entre o relator (e os seus ouvintes) e outros conjuntos sociais associados a culturas, religiões ou etnias com que aqueles não se identificam e cuja distinção pretendem sublinhar;
- f) Realça o desmascarar de personagens que assumem ou pretendem assumir características que a observação crítica invalida;
- g) A anedota constitui ainda um meio, por vezes único, de oposição ou agressão a personagens e instituições;

- h) Para o cidadão comum, a anedota pode ainda ser uma forma de crítica a grupos sociais associados ao poder e à pressão social como entidades armadas, políticos, burocratas, futebolistas, etc.
- i) Por último, a anedota permite ao relator “o gosto que se tem em causar prazer a outrem”.

Percebemos, assim, que a anedota constitui uma expressão que, através da crítica e do humor, agrega e desagrega, inclui e exclui, valoriza e critica. Ou seja, existe uma forte dimensão social na anedota, que embora colocando em causa, é reveladora de hábitos, costumes, grupos sociais, instituições, ou ainda de identidades regionais ou nacionais. Carlos Nogueira defende este mesmo argumento: “Desta forma breve ou simples (anedota) podemos dizer que conforma um categorizado documento – uma autobiografia simbólica – susceptível de fornecer dados para o conhecimento de uma comunidade, de um povo, de um país, seus hábitos, suas aspirações, seus mitos, seus medos, seus heróis vivos ou mortos, reais ou imaginados, seus mártires, suas vítimas, suas concepções do mundo e da vida” (2004:8)

Existe alguma discussão teórica em torno da existência ou não de uma universalidade em torno do que nos faz rir, que se aplica também à anedota. Segundo Machado Guerreiro a anedota vinca comportamentos comuns em certas sociedades, o que não significa que ela marque as características de um povo “(...) as culturas podem ser regionais mas os móveis de agir são universais em muitos campos” (1986:84). Neste sentido uma mesma anedota pode circular por diferentes regiões e países, algumas vezes readaptada, outras vezes de forma semelhante, conseguindo induzir o riso independentemente das fronteiras culturais e geográficas.

Sírio Possenti (2009) também defende a ideia que o humor é universal, oferecendo diversos exemplos de piadas e anedotas que circulam por diversos países com pequenas adaptações, como por exemplo a seguinte anedota sobre gregos, que segundo o autor (brasileiro) poderia, com as devidas adaptações de paisagem, ser encontrada nas anedotas sobre os baianos (muitas vezes estereotipados como ‘preguiçosos’) e que, no caso português, podemos facilmente encontrar semelhança em algumas das anedotas sobre os alentejanos:

(3)

Três gregos estão fazendo sua sesta debaixo de uma figueira.

- Caia, figo, que eu quero te comer! – diz um deles.

Depois de meia hora, diz outro:- Mas como vou te comer?

Meia hora depois, diz o terceiro: - Vocês não estão cansados de falar?

Segundo Possenti (2009) a leitura de piadas e anedotas dos vários países confirma duas teses: a) que os mesmos temas se repetem em todas as culturas; b) que, com muita frequência, há também uma repetição das técnicas, concluindo que estes géneros humorísticos fazem apelo a saberes e a memórias, mas não necessariamente a uma cultura específica.

A anedota, em particular, centra-se numa rebeldia subversiva e lúdica com que aborda e desmistifica todas as vivências sociais, o que talvez justifique a sua popularidade e universalidade: “ A anedota consegue o que nenhuma outra estética literária ou artística, nem mesmo o enérgico carnaval surrealista, alguma vez logrou vislumbrar: a liberdade humanista sem fronteiras, a autonomia absoluta, a heterodoxia escandalosa e subversiva da falaciosa civilidade (social, cultural, religiosa, política, etc), a sublime capacidade para se manter à margem da moral e dos bons costumes.” (Nogueira, 2004:10).

BIBLIOGRAFIA:

MACHADO GUERREIRO, A. (1986). *Da Vida das Anedotas*, Revista Lusitana (Nova Série), 7, pp.73-102. [Consultado a 27-12-2014]

in <http://ww3.fl.ul.pt/unidades/centros/ctp/lusitana/lusitana7.htm>

MARTINS, Pedro (2012). *Ethnic Humour: What do portuguese people laugh at?* in *Folklore*, vol.50. Tartu. Estonia, pp. 87-92. [Consultado a 29-12-2014]

In <http://www.folklore.ee/folklore/vol50/>

MELLO, Carlos Espirito Santo de (1999). *A anedota – ensaio de humor e psicologia*. Lisboa: Bertrand Editora.

NOGUEIRA, Carlos (2004.). *A anedota popular portuguesa: forma breve multimediática*. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, vol. 2, no 4 (2004). Pp. 1-11. [Consultado a 29-12-2014] In <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=view&path%5B%5D=468>

POSSENTI, Sírio (2002). *Estereotipos e identidad en los chistes*. Cuicuilco, enero-abril, ano/vol.9, número 024, Escola Nacional de Antropologia e História, México. [Consultado a 29-12-2014] In <http://www.redalyc.org/pdf/351/35102412.pdf>

POSSENTI, Sírio (2009). *O Humor é universal*. *JoLIE* 2:2. Pp. 221-229. [Consultado a 28-12-2014] In http://www.uab.ro/jolie/2009_2/22_sirio_possent.pdf

SARAIVA, Arnaldo (1988) “A anedota” in *Jornal de Noticias*, Porto. 12/07/1988, s.p.

SMUTS, Aaron (2009). *Humor*. *Internet Encyclopedia of Philosophy*. [Consultado a 29-12-2014] In <http://www.iep.utm.edu/humor/>

Modo de referenciar este artigo:

Rosa, Rosário, (2014), “Algumas considerações sobre a anedota” in Sousa, Filomena (Coord), *Projeto Anedotário Fundo M. Giacometti Memóriamedia*. Alenquer: Memória Imaterial, CRL/IELT (10 p.) [Consultado (data)]

in http://www.memoriamedia.net/bd_docs/Adivinha/anedota_rr.pdf